



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E LITERATURA**

*INTERNATIONAL SEMINAR ON PHILOSOPHY AND LITERATURE*

**PORTUGAL - GOA:**

**OS ORIENTES E OS OCIDENTES**

*THE EAST(S) AND THE WEST(S)*

*Coordenação de Maria Celeste Natário, Renato Epifânio e Maria Luísa Malato*



## Ficha técnica

### **Título:**

Portugal – Goa: os Orientes e os Ocidentes

Portugal – Goa: The East(s) and the West(s)

Seminário Internacional de Filosofia e Literatura

International Seminar on Philosophy and Literature

### **Organização:**

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Maria Luísa Malato (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto / Instituto de

Literatura Comparada Margarida Losa)

Paulo Borges (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

### **Editor:**

Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Filosofia

### **Ano de edição:**

2019

**ISBN** 978-989-8969-35-4

**DOI:** <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-35-4/port>

**URL:** <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1691&sum=sim>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência FIL/00502.

# INDIA E “METAFÍSICA HINDU” NO PENSAMENTO POÉTICO DE ANTÓNIO BARAHONA

Patrícia Calvário

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto  
(351) 226 077 100 | [ifilosofia@letras.up.pt](mailto:ifilosofia@letras.up.pt)

## Resumo

Para António Barahona, a época presente evidencia o estado de degradação da humanidade. Nestes tempos de decadência, que, na cosmologia do “hinduísmo”, se designam de *Kali-yuga*, o poeta tem a missão e o dever de apontar e tornar presente o divino, com uma função que se assemelha à do hierofante. Faremos, nesta exposição, uma reunião de elementos relacionados com a metafísica “hindu”, que se encontram dispersos na obra poética e de transcrição de Barahona, e que o poeta usa, a nosso ver, para ler o mundo contemporâneo. Assim, o poeta vê, na ruptura do homem com o divino, a causa da progressiva degradação da humanidade, que se traduz em todas as suas dimensões, desde a perda de espessura ontológica da linguagem, ou seja, a perda do seu poder teúrgico, à degradação dos próprios ritos religiosos.

**Palavras-chave:** Metafísica, Hinduísmo, António Barahona, *Kali-yuga*, *Philosophia perennis*.

## Abstract

For Antonio Barahona, the present age shows the state of degradation of humanity. In these times of decay, which in the cosmology of “hinduism” are called *Kali-yuga*, the poet has the mission and duty to point and to make the divine present, with a function resembling that of the hierophant. In this article we will gather elements related to “hindu” metaphysics, which are dispersed in Barahona's poetic and transcreation work, and which the poet uses, in our view, to read the contemporary world. Thus, the poet sees in the rupture of man with the divine, the cause of the progressive degradation of humanity, which is evidente in all its dimensions, from the loss of ontological thickness of language, that is, the loss of its theurgical power, to the degradation of the religious rites themselves.

**Keywords:** Metaphysics, Hinduism, António Barahona, *Kali-yuga*, *Philosophia perennis*.

Dividiremos este texto em duas partes: na primeira, destacaremos alguns aspectos da vida e obra poética de António Barahona relacionados com a Índia; e na segunda, faremos a exposição da presença de alguns conceitos da metafísica do “hinduísmo” na sua obra, e do modo como o poeta os interpreta.

António Manuel Baptista Barahona da Honra de Fonseca nasceu em Lisboa em 1939. Estudou na Faculdade de Letras de Lisboa. Converteu-se ao Islamismo em 1970, em Moçambique. E em 1993, já em Portugal, filiou-se na confraria sufi orientada por Hazrat Jilani Ashraf.

Entre os anos 1981 e 1983, Barahona estabeleceu-se em Goa, subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, para estudar o “hinduísmo” ou, melhor, o *Sanatana-Dharma*,<sup>1</sup> o sânscrito, e aperfeiçoar, na literatura luso-indiana, a sua “transcrição” (termo que prefere ao de “tradução”), em linguagem portuguesa, nomeadamente da *Bhagavad-Guitá*.<sup>2</sup> Nas palavras de Barahona, este é um «poema metafísico solenemente cantado»<sup>3</sup>. O seu trabalho foi publicado em 1996, com uma reedição revista em 2007. Mais recentemente, em 2015, foi publicada a tradução da *Upanixad da Grande Floresta (Brihad-Aranyaka Upanixad)*.<sup>4</sup> Um dos seus livros de poesia intitula-se, justamente, *Aos pés do Mestre*, que é uma das possíveis traduções da palavra “Upanixad”.<sup>5</sup>

Vários dos poemas de Barahona foram escritos durante a sua permanência na Índia. Neles podemos descobrir o itinerário das viagens do poeta em solo indiano: Curti, Pangim, Baga, Ribandar (Goa), Varanasi, Jaipur, Bombaim, Nova Deli, entre muitos outros.

Nestes locais bebeu a cultura e metafísica da Índia e transportou-as para os seus poemas. A Índia aparece na sua poesia como a «Mãe Índia», como o local para onde o poeta foi «em demanda do Rei do Mundo» ou local onde pensa encontrar uma Tradição metafísica mais próxima da Tradição única e primordial e preservada da degradação do mundo ocidental: «Marinheiro martirizado/pés e mãos atados e

---

<sup>1</sup> Usaremos os termos “hindu” e “hinduísmo” sempre entre aspas, pois, na verdade, esta terminologia não existe na Índia; são, portanto, termos aplicados pelo exterior. A via espiritual presente na Índia é *sanatana dharma*, que significa, aproximadamente, dever eterno ou, melhor, fazer o que é correcto, não só para si mesmo, mas para o conjunto dos existentes. Agradeço a Ashish Kumar pela elucidação do significado de *sanatana dharma*.

<sup>2</sup> Cf. A. BARAHONA, (ed.), *Poema do Senhor. Bhagavad-Guitá*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2007, p. 14.

<sup>3</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>4</sup> A. BARAHONA, (ed.), *Upanixad da Grande Floresta*, Porto, Publicações Maitreya, 2015.

<sup>5</sup> A. BARAHONA, *Aos pés do Mestre*, Kali-Yuga, Cascais, s.l., 1974.

atirado à água/consegui escapar:/acordei na praia só Deus sabe em que onda/*desempregado depois de descobrir a Índia*».<sup>6</sup>

Não somente a obra poética da sua autoria, mas também as suas traduções a partir do sânscrito, únicas em Portugal, de textos da literatura sagrada da Índia, evidenciam o trabalho de aproximação do Oriente e do Ocidente. Trabalho este que emerge da obra de Barahona sem que tenha existido da sua parte qualquer propósito intencional de divulgação ou proselitismo. O que, a nosso ver, revela a espontânea assimilação, no sentido de fazer seu vivencialmente, de conceitos do “hinduísmo”. E, por outro lado, é uma consequência da sua posição face à diversidade de formas religiosas, enquadrável nos princípios da *Philosophia perennis*, à qual nos referiremos adiante.

Barahona afirma claramente que se opõe a qualquer intuito de divulgação na exposição da Doutrina que emerge das suas traduções dos textos sagrados do hinduísmo. Doutrina esta que de nenhuma maneira considera sua. A divulgação implica deformação sob o pretexto de tornar a Doutrina acessível. E, a seu ver, não é «a Doutrina que deve baixar e restringir-se ao entendimento limitado do vulgo: cabe aos indivíduos, pelo contrário, elevarem-se, se puderem, ao entendimento da Doutrina na sua pureza integral».<sup>7</sup> O vulgo não é aqui conotado com qualquer classificação ética pré-determinada. Muito menos significa o povo iletrado, em oposição a uma elite erudita e intelectual. Barahona dedica vários dos seus poemas ao seu mestre, em Moçambique, que mal sabia ler e que nada conhecia do mundo além da sua pequena aldeia.

A sua postura enquanto estudante das Escrituras da Índia é metafísica. Isto significa que apenas num plano meta-religiões, «plano da intelectualidade iniciática»<sup>8</sup>, se pode descortinar, nas diferentes formas, a Tradição primordial e única. Barahona afirma que, para a metafísica oriental, diferentemente da aristotélica<sup>9</sup>, o Ser puro é já uma determinação. Impõe-se ir além do Ser e por isso a verdadeira Metafísica abrange, também, a dimensão do inexprimível: «Em Metafísica, sugere-se mais do que se exprime: na sugestão reside, afinal, o papel

---

<sup>6</sup> A. BARAHONA, *Viajante Oxalá*, Lisboa, Guimarães Editores, 1984, p. 148. Cf. C. N. de ALMEIDA, «Goa no itinerário íntimo dos poetas portugueses contemporâneos», *Via Atlântica* 30 (2016) p. 206.

<sup>7</sup> A. BARAHONA, *Poema do Senhor. Bhagavad-Guitá*, p. 18.

<sup>8</sup> A. BARAHONA, *Poema do Senhor. Bhagavad-Guitá*, p. 31.

<sup>9</sup> Barahona afirma que Aristóteles identifica metafísica com ontologia, o que é um erro, porque toma nele a parte pelo todo.

desempenhado pelas formas exteriores: palavras, símbolos, rituais, religiões, que constituem um suporte [...] para aceder a possibilidades de concepção que as ultrapassam e justificam»<sup>10</sup>. Estas formas são «sinais divinos no mundo», que a Metafísica estuda, desta vez enquanto metodologia e subordinada à Teologia<sup>11</sup>. Em absoluto, o termo “Metafísica” é usado por Barahona no sentido de Conhecimento e de Doutrina Universal.

No pensar do poeta, René Guénon é «uma das raras vozes autorizada, e única sob certos aspectos, numa língua ocidental, a falar das doutrinas do Oriente em geral e do Hinduísmo em particular»<sup>12</sup>. Uma noção que gostaríamos de destacar no pensamento de Barahona é, justamente, a de *Philosophia perennis*, escola por ele mencionada várias vezes, nas suas introduções às traduções de textos espirituais da Índia, e da qual Guénon é um dos representantes. E é também nesta escola que Barahona se filia. Para o poeta, na contemporaneidade, é, ainda, o Oriente o baluarte dos princípios da Tradição, se comparado com o Ocidente. A filosofia e a teologia europeias, em progressiva decadência desde as «Luzes da Idade Média», quando comparadas com o pensamento oriental, sempre iluminado e actual porque perene, são «primitivas e selvagens».

A cultura ocidental expressa claramente todas as características do obscurecimento próprio do ciclo de *Kali-yuga*. Mas no pensar de Barahona, o que é o ciclo de *Kali-yuga*? É «o ciclo em que nós vivemos, é o ciclo da deusa Kali, que é a deusa do sangue e da destruição».<sup>13</sup> Para António Barahona, há uma estreita relação entre a missão do poeta (pois, a seu ver, o poeta é incumbido de uma missão) e o período designado de *Kali-yuga*, ciclo de destruição da cosmologia “hindu”.

No “hinduísmo”, o tempo cronológico é dividido em eras. Um *manvantara* ou ciclo, divide-se em quatro períodos, isto é, *yugas*. Há quatro *yugas*, entre os quais, *Kali-yuga*<sup>14</sup> (432 000 anos). Estes períodos ou *yugas* representam graus de progressivo obscurecimento da espiritualidade primordial. Esta ideia é idêntica, se quisermos,

---

<sup>10</sup> A. BARAHONA, *Poema do Senhor. Bhagavad-Guitá*, p. 32.

<sup>11</sup> Cf. A. BARAHONA, *Poema do Senhor. Bhagavad-Guitá*, p. 32.

<sup>12</sup> *Ibid*, p. 14.

<sup>13</sup> Afirmação de Barahona em *Sábados à tarde com algum alarde*, programa televisivo sobre uma feira que se realizava na Praça Luís de Camões, em Lisboa e exibido pela RTP, no dia 10 de Janeiro de 1975. António Barahona, neste programa, encontra-se na praça a vender o seu livro de poemas, *Aos pés do Mestre*.

<sup>14</sup> *Satya-yuga, Treta-yuga e Dvapara-yuga*.

à teoria das idades da antiguidade grega<sup>15</sup>: a idade do ouro, da prata, do bronze e do ferro. Por conseguinte, na nossa época encontramos-nos na quarta idade, *Kali-yuga*<sup>16</sup> ou, analogamente, na idade do ferro, a mais sombria do *manvantara*. Existem referências à quantidade de dias de duração de cada *yuga* no *Mahabharata* e em outros textos do “hinduísmo”. Barahona não toma estes números em sentido literal. «Os números indicados nos diversos textos sagrados, relativos à duração dos yugas, não constituem propriamente uma cronologia, nem se devem tomar à letra e são variáveis».<sup>17</sup> O valor da medida de tempo apresentada nos textos sagrados seria, portanto, simbólico. É a auscultação da civilização contemporânea que percebe vários indícios que permitem concluir que vivemos numa idade sombria. Para Barahona, o esquecimento de Deus é o mais evidente sintoma. E é por isso que a sua poesia é um chamamento ao sentido religioso da vida, «a fim de possibilitar o *regresso às origens*».<sup>18</sup>

Apesar do seu islamismo, é na Índia dos *Vedas* que Barahona encontra o fundamento metafísico para o que entende ser a missão do poeta e para o valor da palavra e do som. O que, no espírito do pensamento de Barahona, e no âmbito da *Philosophia perennis*, não apresenta qualquer contradição. A seu ver, as formas diversas sob as quais se apresentam as religiões tradicionais «não afectam a Verdade una e universal».<sup>19</sup> Por isso pode afirmar, sem incoerência: «o poeta [...] inspira-se no ar d’atmosfera sagrada: relê Moisés, Cristo Jesus e Muhammad»<sup>20</sup> e diz-se «islâmico do Dharma».<sup>21</sup>

Refere ainda que, por exemplo, o *Bhagavad-Guitá* está implícito no *Alcorão*, e vice-versa», porque, justifica, representam a primeira e a última formas de tradição ortodoxa deste ciclo e, assim sendo, integram de diferentes modos, as diversas configurações produzidas no intervalo. Quanto ao cristianismo, mais especificamente a Igreja Católica, sofre «imersa nas sombras de uma chama bruxuleante, vai a reboque do tempo»<sup>22</sup>. É com a ajuda da cultura do Oriente

<sup>15</sup> Ovídio descreve quatro idades: ouro, prata, bronze e ferro e Hesíodo concebe cinco: entre a idade de bronze e a de ferro está a dos heróis.

<sup>16</sup> *Kali-yuga* iniciou-se em 3102 antes de Cristo.

<sup>17</sup> A. BARAHONA, *Poema do Senhor. Bhagavad-Guitá*, p. 392.

<sup>18</sup> A. BARAHONA, *Poema do Senhor. Bhagavad-Guitá*, p. 15.

<sup>19</sup> A. BARAHONA, *Poema do Senhor. Bhagavad-Guitá*, p. 15.

<sup>20</sup> A. BARAHONA, *O sentido da vida é só cantar*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2008, p. 15.

<sup>21</sup> A. BARAHONA, *O sentido da vida é só cantar*, p. 53.

<sup>22</sup> A. BARAHONA, *Upanixad da Grande Floresta*, p. 10.

tradicional que se impõe ao homem do Ocidente reencontrar a chave cristã, «extraviada, que abre a porta da catedral, onde se encontra a herança da consciência religiosa independente do tempo».<sup>23</sup>

Um outro sintoma da decadência da civilização, ao qual Barahona explicitamente alude, é a perda do poder teúrgico, do poder sagrado da palavra e a descrença na relação entre a palavra e a natureza das coisas. Na Índia, encontra Barahona uma teoria desenvolvida durante milénios acerca de «uma linguagem única, verdadeira e original, que os Hindus identificam à forma do Conhecimento Eterno, o *Vêda*»<sup>24</sup>. O que constitui uma teologia linguística, onde a gramática é entendida como uma via salvífica, pois permite aceder a este Conhecimento. Nos *Vedas* e nas *Upanixads* vários hinos são dedicados a *Vak* (o discurso). A filosofia da linguagem desenvolvida pela escola de Gramática é o desenvolvimento e explanação das sugestões encontradas nos *Vedas*. As doutrinas da natureza divina da linguagem, o poder criativo e iluminativo da palavra, os diferentes níveis da linguagem, entre outros princípios, que constituem a filosofia da linguagem do pensamento indiano, derivam dos textos védicos.

E de acordo com a perspectiva *advaita*, *atma*, é absolutamente inefável e incognoscível, mas existe uma forma de aproximação através da linguagem da revelação dos Textos Sagrados (os *Vedas*,<sup>25</sup> os *Bráhmanas*<sup>26</sup> e as *Upanixads*<sup>27</sup>). Estes «exprimem a audição directa, *shruti*<sup>28</sup> (o que se ouve da palavra divina e se transmite oralmente) de uma sucessão de sábios-poetas-videntes».<sup>29</sup>

Barahona distingue assim línguas sagradas e línguas litúrgicas. Entre as primeiras encontra-se o sânscrito, o hebraico e o árabe. «São instrumentos da Revelação e, simultaneamente, do ritual e da liturgia: ritual metafísico no Hinduísmo, e liturgia

---

<sup>23</sup> A. BARAHONA, *Upanixad da Grande Floresta*, p. 11.

<sup>24</sup> A. BARAHONA, *Upanixad da Grande Floresta*, p. 16.

<sup>25</sup> Textos revelados: *Rig-Veda*, *Yajur-Veda*, *Sama-Veda* e *Atharva-Veda* (1700–1100 ac).

<sup>26</sup> Comentários aos *Vedas*.

<sup>27</sup> Discutem os conceitos filosóficos e metafísicos dos *Vedas*.

<sup>28</sup> O *Mahabharata* e o *Ramayana*, segundo Barahona, são sumas metafísicas e iniciáticas que não resultam da audição directa, *shruti*, mas do que foi conservado na memória, isto é, do que foi retido (memorizado) e transmitido, *smriti* (cf. A. BARAHONA, *Bhagavad-Guitá*, p. 25).

<sup>29</sup> A. BARAHONA, *Bhagavad-Guitá*, p. 25. Um dos pensadores da escola gramática da Índia que Barahona menciona é *Bhartrihari* (século V), que lê através de René Dumas. Este pensador desenvolveu uma teoria da linguagem complexa acerca da relação entre as palavras e as coisas e reflectiu sobre a manifestação do mundo objectivo do Verbo Eterno (*Sphôta*).

religiosa no Judaísmo e no Islão. As segundas [as litúrgicas], grego, siríaco, copta, eslavo antigo e o latim, são única e exclusivamente instrumentos da liturgia». <sup>30</sup>

Só sendo conhecedores destes pressupostos, podemos entender a necessidade de Barahona incluir no início dos seus livros uma nota explicando a grafia que utiliza e compreender a sua intensa oposição aos sucessivos acordos ortográficos. A sua grafia é «pessoal, indissociável da sua poética, inspirada no critério biológico, estético e prosódico de Teixeira de Pascoaes em *A Fisionomia das Palavras*». <sup>31</sup> Barahona percebe em Pascoaes, no que respeita à grafia das palavras, um eco do que aprendeu na Índia. No pequeno ensaio intitulado *Orthographia*, explica que as letras que compõem uma palavra têm uma função própria, isto é, representam elas mesmas um sentido. E por isso se opõe com veemência à «paranóia da simplificação» (esta expressão é sua) das sucessivas reformas ortográficas. Estas empobreceram o idioma luso e retiraram-lhe «a expressão fisionómica na escrita e a expressão fonética na fala». <sup>32</sup> A história da linguagem evidencia, para Barahona, «uma degeneração das línguas». <sup>33</sup>

A palavra tem poder cosmogónico, tem energia. E a sua sonoridade, não o sentido, dota-a de atributos mágicos. <sup>34</sup> Mas, no período de *Kali-yuga* a palavra, é para os homens, um som oco, vazio. A palavra foi desligada da sua Fonte, perdeu a sua função simbolizante, isto é, a possibilidade de tornar presente a divindade. E não só a palavra se perdeu da sua função, mas também o próprio rito religioso, sobretudo o ocidental, com todos os seus componentes, isto é, além da palavra, o gesto e o vestuário. Já não se vislumbra a teofania. <sup>35</sup> O discurso perdeu, portanto, a sua força teúrgica e é agora uma nuvem de relativismo e niilismo.

«Para que servem os poetas nestes tempos de miséria?» Questiona Barahona, fazendo-se eco de Hölderlin? O poeta é sempre aquele que sintoniza com a mente divina, que escuta a Palavra e a comunica aos homens. «O poeta vive só, livre, peremptório, claro, em estreita unidade com o corpo: barro plástico para o Todo-Poderoso esculpir a alma e o espírito». <sup>36</sup> A poesia, no pensar de Barahona, é,

<sup>30</sup> A. BARAHONA, *Bhagavad-Guitá*, p. 13.

<sup>31</sup> O próprio rosto gráfico das palavras deveria traduzir, isto é, sugerir o mais fielmente possível o verbo interior da sua essência de sentido.

<sup>32</sup> A. BARAHONA, *Orthographia*, Lisboa, Editores Vário, 2015, p. 10.

<sup>33</sup> A. BARAHONA, *Upanixad da Grande Floresta*, p. 15.

<sup>34</sup> Cf. A. BARAHONA, *Upanixad da Grande Floresta*, p. 13.

<sup>35</sup> A. BARAHONA, *Upanixad da Grande Floresta*, p. 11.

<sup>36</sup> A. BARAHONA, *O sentido da vida é só cantar*, p. 15.

portanto, teologia e mistagogia, e supõe um processo transformativo que abrange o esforço da vontade, o que, a ver do poeta, se reflecte na disciplina de *salah*, a recitação das cinco orações diárias previstas no Islão, e outros deveres, e na actividade divina na alma e no espírito do ser humano: «deixar falar o coração à mercê dos impulsos da Graça»<sup>37</sup>. O poeta, unido à Fonte, liga também a ela a palavra e pela palavra liga os homens ao Silêncio que transcende a palavra.

---

<sup>37</sup> A. BARAHONA, *O sentido da vida é só cantar*, p. 19.